
Laura Bellini
O Aroma das Portas Recém-Abertas
Vieram abrir suas próprias portas.
Não planejavam abrir seus corações.

O Aroma das Portas Recém-Abertas

Vieram abrir suas próprias portas. Não planejavam abrir seus corações.

Laura Bellini

ROMANS

ISBN: 9788384903070

ALL-IN Rafał Płonkowski



ÍNDICE

INTRO 4
Capítulo 1 - Uma Soleira Compartilhada 11
Capítulo 2 - Limites Traçados a Lápis 21
Capítulo 3 - Sob o Mesmo Teto 33
Capítulo 4 - Coisas Que Eu Não Havia Planejado 44
Capítulo 5 - O Direito de Dizer Não 55
Capítulo 6 - O Sabor do Primeiro Beijo 67
Capítulo 7 - Entre o Que É Meu e o Que É Nosso 78
Capítulo 8 - As Pessoas com Quem Podemos Ser Nós Mesmos 88
Capítulo 9 - Os Riscos Que Escolhemos 100
Capítulo 10 - Onde as Desculpas Acabam 110
Capítulo 11 - Espaço para Dois 121
Capítulo 12 - O Preço de um Plano Compartilhado 132
Capítulo 13 - Quando a Pressa dos Outros Se Torna Sua 145
Capítulo 14 - Aquilo Que Temos Medo de Perder 156
Capítulo 15 - A Conta Pelas Decisões dos Outros 166
Capítulo 16 - Portas Que Precisam Permanecer Separadas 176
Capítulo 17 - Com Meus Próprios Passos 186
Capítulo 18 - O Custo da Verdadeira Mudança 195
Capítulo 19 - Dois Lados da Mesma Rua 206
Capítulo 20 - O Aroma das Portas Recém-Abertas 217

INTRO

Pela primeira vez em três anos, eu tinha a chave de uma porta atrás da qual ninguém estava esperando para me dizer o que eu deveria fazer.

Eu estava parada no meio de uma passagem estreita em Gdańsk, com os cabelos molhados grudados nas bochechas e um molho de chaves na mão. A chuva de novembro caía de lado, infiltrando-se sob a cobertura e se acumulando sobre as pedras antigas do calçamento. Em uma das mãos, eu segurava um rolo de desenhos técnicos; na outra, um copo de papel com um café que havia muito tempo deixara de estar quente. À minha frente ficava a loja número sete. Trinta e oito metros quadrados, uma vitrine alta, uma porta de madeira que precisava de restauração e um aluguel que, nos meses seguintes, certamente me tiraria muitas noites de sono.

Mesmo assim, eu sorria como alguém que acabara de ganhar na loteria da vida.

Ainda havia uma folha desbotada na vitrine com os dizeres "Aluga-se". Eu a havia retirado na tarde anterior, mas ela deixara para trás um retângulo de vidro mais limpo. Era ali que eu pretendia colocar meu próprio nome. Nela Czarnecka. Design de vitrines e espaços comerciais. Sem sócio, sem chefe, sem alguém que modificasse meus projetos simplesmente porque era a pessoa responsável por assinar as faturas.

Eu tinha vinte e oito anos e experiência suficiente para saber que a independência podia sair caro. Nos últimos três anos, havia projetado vitrines para uma grande agência, onde minhas ideias eram regularmente apresentadas aos

clientes como conquistas de toda a equipe. Quando pedi demissão, meu chefe perguntou se eu realmente queria trocar um salário estável pela incerteza.

Respondi que preferia uma incerteza que eu mesma tivesse escolhido.

Agora, essa incerteza tinha cheiro de madeira úmida, tinta e poeira antiga.

Enfiei a chave na fechadura. Ela girou com dificuldade, depois alguma coisa estalou e a porta se abriu alguns centímetros. Empurrei-a com o ombro. Não cedeu. Tentei novamente, dessa vez com mais força, tomando cuidado com o copo. A madeira raspou contra a soleira, e senti que alguma coisa estava bloqueando a folha da porta pelo lado de dentro.

— Ah, maravilha — murmurei. — Já vamos começar negociando.

— Com essa porta, não vale a pena negociar.

A voz masculina veio de trás de mim. Virei-me e vi um homem parado diante do imóvel vizinho. Ele usava um casaco escuro, com a gola levantada para se proteger da chuva, e carregava uma caixa de papelão debaixo do braço. Com a outra mão, estava trancando a porta do número nove. Era alto, tinha cabelos escuros e curtos e o rosto de alguém que preferia ouvir a falar. O que mais chamou minha atenção, porém, foi seu olhar. Ele não parecia estar julgando minha luta desajeitada com a fechadura. Era como se estivesse tentando descobrir se eu precisava de ajuda ou se preferia encontrar uma solução sozinha.

— E o que o senhor sugere? — perguntei.

— Levantar um pouco a porta pelo lado das dobradiças. A soleira inchou com a umidade.

— Já tentou?

— Quase todos os dias nas últimas duas semanas.

Olhei para a porta e depois para ele.

— Então parece que tenho pela frente uma amizade longa e produtiva com esse pedaço de madeira.

Ele sorriu. Não foi um sorriso aberto, apenas um leve movimento no canto da boca, mas bastou para que seu rosto sério me parecesse, de repente, surpreendentemente acolhedor.

— Posso deixar a caixa de lado e ajudar, se a senhora quiser.

Gostei daquela última ressalva. A maioria das pessoas que via uma mulher enfrentando um problema técnico começava a agir antes mesmo que ela tivesse tempo de dizer que não precisava de ajuda.

Entreguei-lhe meu café em vez de responder.

— Segure isto, por favor. Vou tentar mais uma vez com a porta.

Ele aceitou o copo com a expressão de alguém a quem acabavam de confiar uma tarefa de enorme responsabilidade. Passei os dedos por baixo da maçaneta de metal, ergui levemente a porta e a empurrei com o quadril. A madeira cedeu com um estalo alto. Perdi o equilíbrio por um instante, mas me agarrei ao batente e consegui me firmar antes que meu vizinho tivesse tempo de fazer qualquer movimento.

— Sucesso — anunciei.

— Sem dúvida. Embora seja uma boa ideia lixar a soleira.

— Já está na lista.

— Uma lista longa?

— Perigosamente longa.

Ele me devolveu o café. Quando nossos dedos se encontraram ao redor do copo de papel, nós dois mantivemos as mãos imóveis por um instante. Não houve nada de espetacular naquele contato. Ele simplesmente não retirou a mão de maneira apressada, e eu percebi que seus dedos estavam quentes apesar do frio. Então soltou o copo e recuou meio passo, deixando o caminho livre para que eu entrasse.

Por dentro, o imóvel parecia pior do que nas fotografias. A umidade havia deixado manchas escuras perto da parede dos fundos, o antigo medidor de energia estava pendurado torto e ainda havia marcas dos móveis de exposição do inquilino anterior no piso. Mesmo assim, eu já conseguia enxergar grandes mesas de trabalho, amostras de materiais, luminárias penduradas por fios pretos e uma pequena exposição que mudaria conforme as estações do ano. Queria que os clientes entrassem ali não apenas para observar projetos, mas também para compreender como um espaço era capaz de contar uma história.

Abri as plantas sobre o parapeito da janela e tirei algumas fotografias com o celular.

— A senhora vai vender móveis aqui? — perguntou o homem, ainda junto à entrada.

Eu não havia percebido que ele continuava ali.

— Não. Vou projetar lugares onde as pessoas tenham vontade de ficar um pouco mais.

Ele lançou um olhar para o espaço vazio.

— Uma especialização ousada.

— Por quê?

— Porque, hoje em dia, a maioria das pessoas tenta convencer todo mundo a comprar alguma coisa depressa e ir embora.

— É justamente por isso que quero fazer diferente.

Durante alguns instantes, ele me observou com uma atenção que pareceu quase mais pessoal do que um elogio. Senti uma vontade inesperada de explicar o projeto inteiro, mostrar os esboços e contar por que havia escolhido aquela passagem discreta em vez de um escritório moderno. Contive-me. Eu ainda nem sabia o nome dele.

— Remigiusz Sowa — apresentou-se, como se tivesse adivinhado meus pensamentos. — Estou abrindo uma casa de chá aqui ao lado.

— Nela Czarnecka.

— Prazer em conhecê-la, Nela.

Na voz dele, meu nome soou natural, sem uma intimidade exagerada. Percebi isso com uma precisão irritante.

— Quando será a inauguração? — perguntei.

— Se tudo correr conforme o planejado, daqui a cinco semanas. Antes da temporada de inverno.

— Ambicioso.

— E a senhora?

— Quatro semanas.

Ele olhou para meus desenhos, para as paredes descascadas e para a luminária do teto que não funcionava.

— Ainda mais ambicioso.

— Eu não disse que era sensato.

Ele soltou uma risada baixa. Aquele som combinava mais com ele do que a seriedade que eu havia percebido no início. Do imóvel vizinho veio um ruído metálico e, pouco depois, o aroma intenso de chá recém-desembalado. Chá preto, frutas cítricas, talvez um toque de cardamomo. Tive a impressão de que alguém havia aberto uma janela para uma versão muito mais agradável de novembro.

Remigiusz consultou o relógio.

— Preciso receber uma entrega. Mas, se precisar de uma escada, tenho uma boa. E outra que serve principalmente para assustar os funcionários.

— Não tenho funcionários para assustar.

— Eu também ainda não.

A palavra "ainda" pareceu estranhamente significativa, embora eu não tivesse nenhum motivo para pensar a respeito.

Quando ele saiu, fiquei sozinha com o silêncio e meus próprios planos. Passei um dedo sobre o desenho da vitrine. Em quatro semanas, eu deveria receber meus primeiros clientes. Antes disso, precisava supervisionar as instalações, encomendar os materiais, concluir dois trabalhos externos e provar a mim mesma que sair da agência não havia sido um gesto impulsivo de orgulho ferido.

Meu celular vibrou. Uma mensagem de uma antiga colega de trabalho perguntava se eu realmente não consideraria voltar, porque havia surgido um cliente importante. Coloquei o aparelho sobre a mesa improvisada, com a tela virada para baixo. Apenas uma semana antes, uma proposta semelhante talvez tivesse abalado minha determinação.

Agora, olhei para a porta aberta do imóvel vizinho, onde Remigiusz carregava mais caixas enquanto conversava ao

telefone com uma voz tranquila e firme. Ele tinha seus próprios planos, sua própria corrida contra o tempo e, provavelmente, uma lista tão longa quanto a minha de coisas que poderiam dar errado. Ainda assim, havia encontrado um momento para explicar a uma desconhecida como lidar com uma soleira teimosa.

Foi então que o administrador da passagem me telefonou. Informou que as obras na entrada técnica compartilhada começariam mais cedo do que o combinado. Durante alguns dias, o acesso aos dois imóveis ficaria limitado. Os instaladores precisavam de um cronograma único e do contato de alguém que coordenasse as entregas.

Olhei através da vitrine. Remigiusz acabara de encerrar sua ligação e levantou os olhos. Vi quando percebeu o telefone junto à minha orelha e os projetos espalhados. Franziu levemente a testa, como se também tivesse recebido uma notícia que preferia não ouvir.

Naquela manhã, eu ainda estava convencida de que ter uma porta só minha seria suficiente para me fazer feliz. Agora, do outro lado do vidro, estava um homem com quem talvez eu precisasse compartilhar muito mais do que os problemas de uma reforma.

Quando nossos olhares se encontraram novamente, ele sorriu como se estivesse fazendo uma pergunta silenciosa.

E, pela primeira vez naquele dia, eu já não tinha certeza do que me assustava mais: perder o controle sobre meus próprios planos ou perceber o quanto queria abrir a porta e convidá-lo a entrar.

Capítulo 1 - Uma Soleira Compartilhada

Na manhã seguinte, encontrei debaixo da porta da loja número sete um aviso informando que os trabalhos na instalação começariam às oito, e não às dez, como haviam me prometido no dia anterior. Eram sete e quarenta, o céu de novembro tinha a cor de cimento molhado, e eu carregava debaixo do braço uma pasta cheia de documentos que, aparentemente, ninguém pretendia ler. No fim da passagem, dois operários descarregavam barreiras metálicas de uma caminhonete. Diante do imóvel vizinho, Remigiusz Sowa conversava com um homem de jaqueta refletiva. Ele já não estava usando o casaco. As mangas dobradas de seu suéter escuro deixavam os antebraços à mostra, e sua voz, embora tranquila, demonstrava claramente que não havia espaço para mais explicações vagas.

— O senhor não pode fechar as duas entradas ao mesmo tempo — ouvi Remigiusz dizer. — A entrega dos equipamentos está marcada para amanhã.

— E eu só tenho a equipe disponível por dois dias — respondeu o operário. — Ou fazemos tudo agora, ou volto na semana que vem.

Acelerei o passo.

— Na semana que vem, tenho a instalação da vitrine — interrompi. — E preciso de acesso à parede do lado da passagem.

Os dois olharam em minha direção. Remigiusz me reconheceu imediatamente. Seus olhos revelaram aquele mesmo sorriso quase imperceptível de que eu me lembrava desde nosso primeiro encontro.

— Bom dia, vizinha. Estamos justamente tentando descobrir se nossas inaugurações serão adiadas antes mesmo de começarmos as reformas.

— Não considero essa possibilidade.

— Nem eu. Então já temos nosso primeiro ponto em comum.

O homem de jaqueta apresentou-se como senhor Andrzej, responsável pela obra. Abriu uma planta das instalações sobre o capô do carro e indicou, com uma caneta vermelha, o trajeto de um antigo cabo elétrico. Descobrimos que tanto meu estúdio quanto a casa de chá de Remigiusz utilizavam o mesmo canal técnico, escondido sob o piso da passagem. Para substituir a instalação, a equipe precisaria remover parte do calçamento diante das duas entradas. Remigiusz precisava de acesso para transportar caixas pesadas de equipamentos. Eu havia encomendado estruturas de exposição que não conseguiriam passar pelo corredor estreito dos fundos.

Ouvi as explicações enquanto reorganizava mentalmente todos os meus prazos. Quatro semanas até a inauguração. Dois projetos externos em andamento. Um prestador de serviços que só concordara em aparecer na quinta-feira. Eu não tinha dinheiro para suportar paralisações, muito menos vontade de começar meu negócio explicando aos clientes por que não conseguia cumprir minhas próprias promessas.

— Podemos montar uma passarela provisória — sugeri, indicando a largura da passagem. — Assim, pelo menos um dos imóveis continua acessível durante a obra.

— A passarela precisa ser segura — respondeu Andrzej. — Não vou assumir a responsabilidade por um acidente.

— Claro. Justamente por isso precisamos planejá-la, em vez de simplesmente jogar algumas tábuas no chão.

Remigiusz se inclinou sobre a planta. Ficou ao meu lado, perto o suficiente para que eu percebesse um aroma discreto de sabonete de cedro e chá. Não me tocou, embora precisássemos dividir o espaço apertado junto ao capô.

— Se começarmos pela parte diante da minha vitrine, os fornecedores poderão descarregar pelo pátio — observou. — Depois, a equipe passa para o lado da Nela.

— Há um desnível de trinta centímetros na entrada pelo pátio — avisei.

— Eu sei.

— As caixas de equipamentos podem pesar mais de cem quilos.

— Por isso vou precisar de mais gente.

Ele ergueu o olhar, como se esperasse que eu apontasse o próximo problema. Não fiz isso imediatamente. Estava acostumada a lidar com homens que, em obras, fingiam que minhas observações apenas complicavam assuntos simples. Remigiusz, em vez de se irritar, parecia considerar minhas ressalvas como outras peças de um quebra-cabeça.

— E se dividíssemos as entregas? — propus. — Você recebe a sua amanhã, eu recebo a minha depois de amanhã. A equipe termina um trecho antes de começar o outro. Posso adiar a montagem das estruturas por algumas horas, mas não por um dia inteiro.

— Posso tentar remarcar o transporte — respondeu. — Com uma condição.

Olhei para ele com cautela.

— Qual?

— Vamos trabalhar com um único cronograma. E, se alguém quiser alterá-lo, precisa conversar primeiro com a outra pessoa.

Parecia razoável. Razoável demais para não esconder alguma consequência inconveniente.

— Cada um de nós continua responsável pelo próprio imóvel — ressaltei.

— Concordo. Mas a entrada é compartilhada.

— O cronograma, sim. As decisões de projeto, não.

Ele ficou em silêncio por um instante. Percebi que apertou os dedos contra a borda da planta e depois relaxou a mão deliberadamente.

— Não pretendo decorar seu estúdio, Nela.

— Ótimo. Até porque você nem sabe onde minha escrivaninha vai ficar.

— Mas sei que ela não deveria ficar embaixo daquela claraboia que está vazando.

Olhei para cima. De fato, havia água acumulada sobre o vidro acima da passagem, e uma gota caiu exatamente sobre minha manga.

— Essa foi uma observação excepcionalmente pouco romântica para o início de uma parceria entre vizinhos — comentei.

— Vou tentar comentar alguma coisa mais poética da próxima vez.

Andrzej pigarreou de maneira ostensiva, lembrando-nos de sua presença. Definimos uma ordem preliminar para os trabalhos e um prazo para confirmar as entregas. Remigiusz se ofereceu para entrar em contato com o administrador a

respeito da proteção da passagem. Eu me comprometi a preparar um esquema simples para a instalação da passarela, considerando a largura das portas e a rota de evacuação. Trocamos números de telefone, embora nenhum de nós tivesse pegado o celular imediatamente. Durante um instante, ficamos frente a frente com a estranha consciência de que estávamos fazendo algo mais pessoal do que as circunstâncias sugeriam.

— Você não gosta de abrir mão do controle — observou Remigiusz quando o encarregado se afastou.

— Gosto de saber quem vai responder pelas consequências.

— Não é sempre a mesma coisa.

— Pela minha experiência, quase sempre é.

Ele não respondeu imediatamente. Olhou para a vitrine vazia do meu estúdio, para o rolo de desenhos e para a lista de tarefas colada no vidro. Tive a impressão de que havia percebido mais do que eu pretendia mostrar.

— Você não precisa confiar em mim — disse finalmente. — Basta me deixar fazer a minha parte.

Aquela frase era perigosamente sensata.

Antes do meio-dia, começamos a retirar tudo o que poderia atrapalhar os operários. Minhas amostras de materiais, caixas de iluminação e maletas de ferramentas ocuparam metade do estúdio. Remigiusz carregava para sua casa de chá prateleiras de madeira que exalavam cheiro de óleo de linhaça. Quando me viu tentando deslocar uma mesa de trabalho pesada, parou na entrada.

— Quer ajuda?

— Pode pegar a outra ponta.

Ele não comentou meu tom. Simplesmente se aproximou e ergueu o tampo ao mesmo tempo que eu. Movimentamos a mesa cuidadosamente entre as paredes, trocando instruções curtas. Em determinado momento, meu pé ficou preso entre uma das pernas da mesa e uma caixa de ferramentas. Paramos tão perto um do outro que consegui distinguir uma pequena cicatriz junto à sobrancelha esquerda dele.

— Tudo bem? — perguntou.

— Sim. Só parece que meu estúdio está tentando me matar antes da inauguração.

— Uma estratégia de marketing bastante agressiva.

Soltei uma risada inesperada, embora não tivesse nenhuma intenção de rir.

Colocamos a mesa junto à parede. Remigiusz não se afastou imediatamente, mas também não fez nada que me obrigasse a recuar. Permaneceu entre nós uma pequena distância, suficiente para que eu pudesse me mover livremente e pequena demais para fingir que não percebia sua presença.

— Você já tem uma ideia bem definida de como quer este lugar? — perguntou.

Mostrei o desenho da vitrine. Ele o examinou atentamente, sem interromper. Expliquei como os painéis móveis permitiriam modificar as exposições sem reformas caras. Falei da iluminação direcionada para fazer os objetos parecerem naturais, em vez de peças expostas em um museu. E de uma pequena mesa perto da janela, onde pretendia conversar com os clientes.

— Então você não quer vender respostas prontas — resumiu.

— Primeiro quero compreender a pergunta.

Ele me olhou de um jeito que, de repente, me fez ouvir com clareza exagerada a chuva batendo contra o vidro.

— Essa é uma abordagem rara — comentou.

— No design?

— Em qualquer área.

Não encontrei uma resposta imediata. Havia algo desarmante na capacidade que ele tinha de dizer coisas simples sem tentar impressionar. Voltei aos desenhos para recuperar uma distância segura, mas, durante os minutos seguintes, continuei percebendo sua presença mesmo quando ele estava do outro lado da sala.

À tarde, meu instalador telefonou. Informou que, sem uma confirmação oficial de acesso à passagem, não reservaria a data da montagem. Tentei convencê-lo de que os acordos estavam praticamente definidos, mas ele respondeu que "praticamente" não bastava. Encerrei a ligação e apoiei as mãos no parapeito. Lá fora, os operários instalavam as barreiras, enquanto meu lindo planejamento de quatro semanas começava a parecer um castelo de cartas.

Remigiusz apareceu na entrada carregando duas xícaras.

— Você está com cara de quem acabou de receber a conta pelos erros de outra pessoa.

— Quase isso. Meu instalador quer uma confirmação por escrito do cronograma.

— O administrador prometeu enviar até as cinco.

— As promessas do administrador ainda não têm valor de documento.

Ele me entregou uma xícara.

— Nesse caso, precisamos de um documento. Vou ligar para ele novamente.

— Você não precisa resolver meus problemas.

— Esse também é meu problema, Nela.

Eu sabia que ele tinha razão. Ainda assim, a maneira como disse aquilo soou como um convite para aceitar ajuda sem a obrigação de retribuí-la com gratidão. Experimentei o chá. Era forte, levemente cítrico, com um final delicadamente amargo.

— Bom — admiti.

— Uma avaliação bastante econômica.

— Não quero que você aumente os preços antes mesmo de inaugurar.

Ele sorriu, mas logo ficou sério.

— Tenho um pedido. Se vamos nos ajudar, não vamos tratar cada concessão como uma derrota.

Olhei para ele por cima da xícara.

— Fazer concessões é perfeitamente aceitável, desde que as duas partes saibam exatamente do que estão abrindo mão.

— Combinado.

Eu ainda não sabia por que havia dito aquilo com tanta firmeza. Talvez porque tivesse passado tempo demais trabalhando em um lugar onde minhas concessões eram chamadas de flexibilidade, enquanto as exigências dos outros eram tratadas como necessidades. Remigiusz não tentou me convencer de que eu estava exagerando. Apenas aceitou minhas palavras, sem comentários.

À noite, quando os operários terminaram a primeira etapa da obra, finalmente recebemos o cronograma assinado. Meu instalador confirmou a montagem. Remigiusz antecipou a entrega dos equipamentos para evitar conflito com meu transporte. Aquela vitória aparentemente pequena tinha o sabor da melhor coisa que eu havia provado durante todo o dia.

Eu estava fechando o estúdio quando o vi parado sob a cobertura. A chuva havia se transformado em uma névoa fina, e as luzes da rua próxima se refletiam nas pedras molhadas.

— Conseguimos — comentei.

— Primeiro dia de parceria sem nenhuma catástrofe.

— Não vamos exagerar. A porta continua emperrando.

— Posso trazer uma lixa amanhã.

— E eu posso ensinar você a planejar entregas sem levar sua vizinha ao desespero.

Ele riu. Depois me observou com mais atenção, como se quisesse dizer alguma coisa, mas tivesse decidido que aquele não era o momento adequado.

— Boa noite, Nela.

— Boa noite, Remigiusz.

Virei-me na direção da rua antes que pudesse fazer alguma bobagem, como perguntar se ele sempre olhava para as pessoas como se quisesse descobrir seus pensamentos não pronunciados.

No caminho para casa, recebi uma mensagem dele.

"Amanhã, às oito. Vou levar a escada que não assusta os funcionários."

Sorri para a tela. Respondi que não precisava de funcionários para ter motivos de preocupação.

A resposta chegou pouco depois.

"Então vou tentar não ser um desses motivos."

Parei debaixo de um poste e li a mensagem uma segunda vez. Não porque ela escondesse alguma promessa especial. Mas porque, pela primeira vez em muito tempo, alguém não estava tentando me convencer a ser menos exigente, menos independente ou simplesmente mais fácil de lidar.

Para ele, parecia suficiente que eu fosse exatamente quem era.

E eu começava a desconfiar de que aquilo poderia se tornar o maior dos meus problemas.

Capítulo 2 - Limites Traçados a Lápis

Na quarta-feira de manhã, Remigiusz apareceu com uma escada, uma lixa e um caderno cuja capa parecia ter sobrevivido a várias temporadas difíceis. Colocou tudo no chão do meu estúdio e, em seguida, tirou do bolso dois pequenos pacotes embrulhados em papel cinza. Entregou-me um deles sem dizer nada. Dentro encontrei chá e uma breve descrição escrita à mão: "Para as manhãs em que os planos se recusam a colaborar".

— Isso é uma tentativa de suborno? — perguntei.

— Prefiro chamar de investimento em uma vizinhança mais tranquila.

— Acho que deveria emitir uma fatura pela consultoria de marketing.

— Pode emitir. Mas primeiro experimente.

Abri o pacotinho e senti o aroma do conteúdo. Cascas secas de laranja, uma nota delicada de baunilha e alguma coisa terrosa que não consegui identificar. Remigiusz observava minha reação com uma atenção que nem tentava esconder.

— Rooibos — explicou. — Com um pouco de cacau torrado. Sem cafeína.

— Como você sabia que eu não deveria tomar meu terceiro café antes das nove?

— Ontem vi três copos vazios.

— Você é assustadoramente observador.

— É uma qualidade útil para quem administra uma loja.

Não respondi, porque seria difícil discordar. Em vez disso, convidei-o a se sentar à mesa de trabalho. Abri o cronograma impresso e marquei com um lápis vermelho três pontos em que nossas entregas ainda poderiam entrar em conflito. Eu sabia que, se não definíssemos os detalhes naquele momento, em poucos dias cada um de nós teria motivos legítimos para reclamar do outro.

— Proponho uma regra simples — comecei. — Planejamos juntos tudo o que envolve a entrada compartilhada. Organizamos nossos próprios imóveis de maneira independente. Nenhuma alteração sem aviso prévio.

Remigiusz se sentou à minha frente.

— Ótimo. Também gostaria de estabelecer os horários em que podemos contar com a ajuda um do outro.

— Ajuda com o quê?

— Receber entregas, acompanhar equipes, pequenas coisas. Quando algum de nós precisar sair.

— Não quero que isso se transforme em um segundo emprego.

Ele me examinou atentamente.

— E eu não quero ser o tipo de pessoa que só telefona para a vizinha quando precisa de alguma coisa.

Aquela frase não combinava com uma conversa sobre cronogramas. Era pessoal demais, consciente demais. Por um instante, perguntei-me se ele havia deixado aquelas palavras entre nós de propósito ou se simplesmente costumava dizer o que pensava.

— Então vamos estabelecer regras concretas — respondi. — Duas semanas de colaboração durante as etapas mais

difíceis da obra. Sem prorrogação automática. Pedidos com antecedência, a menos que aconteça alguma coisa realmente urgente.

— E o direito de recusar sem precisar dar explicações?

Olhei para ele, surpresa.

— Exatamente.

— Então escreva isso também.

Inclinei-me sobre o papel. Seus dedos repousavam perto do meu caderno, tranquilos e imóveis. Ele não tentou pegar o lápis nem corrigir minhas anotações. Esperou até que eu terminasse. Aquele pequeno detalhe significou mais para mim do que eu gostaria de admitir.

Enquanto discutíamos o último ponto, o celular dele tocou. Vi o nome "Marta" na tela, mas desviei os olhos antes de conseguir ler qualquer outra coisa. Remigiusz atendeu, pediu licença com um gesto breve e saiu para o corredor. Falou em voz baixa. Consegui ouvir apenas algumas palavras isoladas: entrega, prazo, tarde demais. Quando voltou, sua expressão estava tranquila, mas percebi certa tensão na maneira como colocou o telefone sobre a mesa.

— Está tudo bem? — perguntei.

— Sim. Apenas uma encomenda que deveria estar pronta há uma semana e ainda está a caminho.

— Parece familiar.

— Estou começando a suspeitar que todos os fornecedores pertencem à mesma sociedade secreta.

Sorri, embora pudesse perceber que o assunto não tinha a menor graça para ele. Não insisti. Nós nos conhecíamos havia apenas dois dias, e eu não pretendia transformar uma